

Dossiê Redescobrimo a Vocação

A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA VOCAÇÃO MINISTERIAL

Rev. Me. Daniel Oliveira Kozlowski de Farias¹
STPS; Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO

A necessidade de se considerar e refletir a respeito da vocação ministerial tem sido tratado como um tema de extrema relevância dentro da Teologia Reformada e sua eclesiologia, para que não sejam admitidos ao ministério, como foram no passado, homens inaptos ao ministério eclesiástico. O ponto fulcral desta reflexão passa pela compreensão da ação do Espírito Santo na vocação ministerial. Este é o objetivo deste artigo que pretende abordar rapidamente, a ação Pneumatológica no processo de vocação e convencimento do vocacionado. No segundo momento a ação do Espírito ao conceder dons para equipar o vocacionado para o exercício do ministério. Observando a convicção interna que surge no coração do que é vocacionado através do exercício do trabalho que é realizado na dependência da ação do Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE: Espírito Santo; Vocação; Ministério Pastoral; Convicção; Igreja Presbiteriana do Brasil.

ABSTRACT

The need to consider and reflect on the ministerial vocation has been treated as an extremely relevant theme within Reformed theology and its ecclesiology, so that men who are unfit for ecclesiastical ministry are not admitted to the ministry, as they were in the past. The focal point of this reflection is the understanding of the action of the Holy Spirit in the ministerial vocation. This is the objective of this article that intends to approach briefly, the Pneumatological action in the process of vocation and conviction of the vocated. In the second moment, the action of the Spirit in granting gifts to equip the vocationed for the exercise of the ministry. Observing the internal conviction that arises in the heart of the one who is vocated through the exercise of the work that is carried out in dependence on the action of the Holy Spirit.

KEYWORDS: Holy Spirit; Vocation; Pastoral Ministry; Conviction; Presbyterian Church of Brazil.

¹ Pastor presbiteriano. Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton. Especialização em Teologia bíblica, sistemática e pastoral pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Mestre em Educação, arte e história da cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor de disciplinas do departamento de Teologia Sistemática e do departamento Teologia Pastoral no Seminário Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton. E-mail: profdanielstps@gmail.com

Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja (1ª Tm 3.1).

Uma das questões que mais desafia aqueles que se sentem vocacionados ao ministério pastoral é encontrar uma maneira de responder a indagação feita pelos concílios da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), conforme prescrito na Constituição Interna da Igreja Presbiteriana do Brasil (CI/IPB), de que os que se sentirem vocacionados deverão dar os motivos por que desejam o ministério. De fato, esse cuidado dos nossos concílios, se mostra necessário para buscar salvaguardar a integridade do ministério pastoral e a pureza da igreja. Esse cuidado tem sido recomendado através dos tempos, para que não sejam admitidos ao ministério, como foram no passado, homens inaptos ao ministério eclesiástico como bem destaca o reformador João Calvino (1509-1564).

Por isso, para que homens inquietos e turbulentos não assumissem temerariamente o ofício de ensinar ou reger a igreja, o que, aliás, aconteceria depois, tomou-se a precaução de que ninguém exercesse um ministério público na igreja sem que fosse vocacionado. Para alguém ser considerado verdadeiro ministro da Igreja, exige-se antes de tudo que tenha sido devidamente chamado (Hb 5,4), e que depois tenha respondido à vocação, isto é, que exerça o ministério que lhe compete. (CALVINO, 2009B, p. 508)

O aspecto interior, ou pessoal, da vocação é definitivamente algo subjetivo e por isso mesmo torna-se difícil de explicar os motivos que levam alguém a se sentir vocacionado. Essa subjetividade, porém, pode ser um pouco melhor compreendida quando buscamos olhar pelo prisma pneumatológico a vocação e o que leva o vocacionado a desejar o ministério pastoral.

Por isso vamos examinar, rapidamente, a ação do Espírito Santo no processo de vocação e convencimento do vocacionado. No segundo momento a ação do Espírito ao conceder dons para equipar o vocacionado para o exercício do ministério.

Outro aspecto a ser observado é a convicção interna que surge no coração do que se sente vocacionado através do exercício do trabalho que lhe é confiado e realizado na dependência da ação do Espírito Santo.

1 O ESPÍRITO SANTO COMO O AGENTE DA VOCAÇÃO

A pneumatologia é a área da teologia sistemática que procura estudar e entender a pessoa e a ação do Espírito Santo. Assim, a pneumatologia tem sido definida como a doutrina do Espírito Santo.

Durante muito tempo, vários teólogos mergulharam nas águas profundas e de certa forma bem turvas na busca do conhecimento pneumatológico. Parte dessa turbidez pode

ser explicada com base na subjetividade da ação do Espírito, como bem destaca o teólogo reformado e estadista holandês Abraham Kuyper (1837-1920) ao pontuar que ocorrem nas escrituras fatos e apreciações simbólicas, mas que tão logo elas desaparecem, o ser do Espírito Santo permanece enigmático, misterioso e que quase toda a instrução divina relativa ao Espírito Santo é igualmente obscura, inteligível apenas até o ponto em que ele torna claro apenas aquele a quem quer se revelar (KUYPER, 2010). Esta reflexão inicial se faz necessária para que possamos adentrar no território da pneumatologia.

Sabedores desses desafios, propomos olhar um pouco mais detalhadamente para a ação do Espírito Santo na execução das obras de Deus antes de adentrarmos na discussão da vocação interior propriamente dita. Ao falarmos “das obras de Deus”, precisamos ter em mente que nos referimos as obras que são realizadas pelas três Pessoas de forma conjunta e simultânea. Também é preciso notar que há uma diferenciação entre as obras externas (*opera ad extra*) e as obras que se dão internamente a Trindade (*opera ad intra*). Neste estudo nos deteremos exclusivamente sobre uma das obras externas, a saber a vocação.

De forma bem resumida e objetiva, tendo como modelo a criação do universo, Kuyper propõe que em toda a obra que a Trindade realiza pode-se fazer seguinte distinção: “o poder de *criar* procede do Pai; o poder de *organizar* procede do Filho; e o poder de *aperfeiçoar* procede do Espírito Santo” (KUYPER, 2010, p. 57). Essa distinção pode ser compreendida da seguinte forma, o Pai traz a existência a matéria primitiva ainda informe, o Filho dá forma essa matéria e o Espírito Santo conduz a “criatura ao seu destino, fazer com que se desenvolva de acordo com a sua natureza, para torná-la perfeita” (KUYPER, 2010, p. 59). Desta forma, podemos perceber que cabe ao Espírito tornar perceptível a execução daquilo que se decretou e foi executado pela Trindade. O teólogo reformado e pastor norte-americano Charles Hodge (1797-1878) define o Espírito Santo como aquele que comunica “o poder ou eficiência de Deus, isto é, a pessoa por meio de quem se exerce a eficiência de Deus” (HODGE, 2001, p. 389). O grande reformador francês João Calvino, que recebeu o epíteto de teólogo do Espírito Santo (o que se mostra justificado quando examinamos os seus escritos), percebe que a pessoa do Espírito é o grande dinamizador de toda obra de Deus. Sendo o Espírito o grande dinamizador ou, como também é chamado, o grande executivo das obras de Deus, a vocação é também resultado direto da ação do Espírito Santo na vida daqueles aos quais tem chamado.

Embora a ação do Espírito não possa ser confinada a um determinado padrão, como por exemplo, nas manifestações de convocação registradas no Antigo Testamento dos profetas e demais líderes, podemos perceber a sarça que arde e não se consome para chamar Moisés (Êx 3.2) para se tornar o grande líder do povo de Israel em sua saída do Egito, mas não há outra manifestação semelhante em toda Escritura. De outro modo o Espírito manifesta a presença de Deus ao profeta Elias através de um cicio suave o levando para fora da caverna (2Rs 19.12-13) e tantos outros episódios que poderíamos examinar e perceber em cada um existe uma particularidade da ação pneumática. Porém em todos os episódios vocacionais há um componente que se repete, a vontade daquele que está sendo chamado é por fim, mesmo depois de inúmeras de respostas evasivas como: “sou pesado de língua”, “não passo de uma criança”, “sou o mais novo da casa de meu pai” e outras mais, termina sendo movida na direção daquele que chama e para o que ele chama.

Esse mover da vontade do vocacionado, que parte de um episódio inicial de resistência para a aceitação e aspiração, é um dos passos iniciais e fundamentais para que aquele que é chamado entenda que está sendo levado a almejar, não obrigado, a uma grande obra. O que o leva a perceber que o Espírito trabalha em seu íntimo o impelindo para algo que ainda pode até não compreender, mas que é essa a vontade de Deus, apesar de todas as suas limitações! O que nos leva a examinar um segundo momento do processo de vocacional executado pelo Espírito Santo.

2 O ESPÍRITO SANTO, AQUELE QUE CHAMA E CAPACITA

O apóstolo Paulo escreve aos filipenses: “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 2.6). Essa e outras passagens apontam claramente para ação do Espírito Santo como aquele que aperfeiçoa os cristãos para cumprir o chamado de Deus. O Espírito também é apresentado nas Escrituras como o despenseiro dos dons e talentos.

Embora o nosso foco central seja a vocação pastoral, cabe aqui que olhemos inicialmente de forma mais ampla de como o Espírito concede a todos os seres humanos dons e talentos para cumprirem o propósito que foram chamados.

A concessão de dons e talentos é uma das formas que o Espírito executa o governo divino no mundo. As Escrituras nos falam de homens que receberam talentos de Deus para governarem, como Davi, Salomão e Ciro. Outros que se mostraram exímios artistas

como Bezalel e Aoliabe (Êx 31.1-11). Outros como José e Daniel, que além de sua fé se revelaram sábios administradores.

Os dons e talentos, como bem resume o teólogo e pastor reformado escocês Sinclair B. Ferguson (1948-), são como “a poderosa presença de Deus se revela em seu Espírito com vistas ao cumprimento de uma variedade de propósitos” (FERGUSON, 2014, p. 26). Se o Espírito age nas obras de Deus levando a criatura ao seu aperfeiçoamento e cumprimento do seu propósito, nada mais natural do que entender que, se o Espírito Santo chama alguém para algo, logo ele também o capacitará para que tenha meios de cumprir o seu chamado.

Essa capacitação começa a despertar no vocacionado a percepção dos seus dons e talentos naturais, mas também dos novos dons que lhe são concedidos a cada momento. Por exemplo, a inclinação para o ensino voltado as questões da palavra de Deus. Outras vezes pode ser o discernimento e sabedoria para orientar e aconselhar quem está ao seu redor. Esses dons visam que o vocacionado seja equipado para desenvolver o seu ministério e como um sinal para si próprio desse chamado. Outro fator é que a manifestação desses dons indica também aos de fora o surgimento dessa vocação.

Não há vocacionado sem dons. Necessariamente a vocação executada pelo Espírito Santo é acompanhada de dons. Esses dons que concedidos precisam, necessariamente, serem aplicados e desenvolvidos no âmbito da igreja, possibilitando ao próprio vocacionado reconhecê-los e aqueles que são abençoados por esses dons poderão testificar dessa vocação também.

Assim, tanto externamente, pela igreja, quanto internamente começam a surgir evidências deste chamado. Sendo a evidência interna um fator preponderante para que o vocacionado seja movido para a direção certa e tenha certeza para onde está indo, como Calvino disse certa vez “quando um homem sabe que Deus é seu Guia em todos os planos de sua vida, até em meio a seus trabalhos, dificuldades e outras cargas, sente um consolo incomparável” (CALVINO, 2001, p. 76). Esse consolo se traduz na convicção interna, que passaremos a observar em seguida.

3 A CONVICÇÃO INTERNA COMO RESULTADO DA AÇÃO ESPÍRITO SANTO

Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja. (1ª Tm 3.1). Talvez esse seja um dos textos mais emblemáticos para se pensar a respeito da vocação e

da convicção interna, pois fala claramente da vontade do vocacionado que se move em direção de sua vocação. Calvino afirma que a convicção interna, ou vocação interior, indica os motivos que o vocacionado é atraído para o ministério:

Essa vocação interior é o bom testemunho de nosso coração que não nos aproximamos do ministério por ambição, avareza ou qualquer outra cobiça, mas por sincero temor de Deus e para a edificação da Igreja (CALVINO, 2009B, p. 509).

A convicção interna não surge do nada, mas é fruto da obra de iluminação realizado pelo Espírito Santo que leva o vocacionado a vislumbrar o caminho do ministério como parte fundamental da sua vida. O Espírito vai iluminando a mente do vocacionado de tal forma que ele se sente, primeiramente impelido a fazer algo que sente ser a vontade de Deus. Num segundo momento ele se percebe como estando física, mental e espiritualmente a altura do desafio que lhe está sendo proposto, isso se dá pela concessão de dons pelo Espírito ao vocacionado.

Há ainda um terceiro elemento que forma a convicção interna de um vocacionado, que alinha os dois momentos anteriores. Com a vontade sendo movida em direção ao objetivo de se tornar um ministro e utilizando os dons que lhes estão sendo concedidos, o vocacionado experimenta a pavimentação do caminho ministerial que Deus vai operando através daquilo em que tem trabalhado.

Da mesma forma que se pressupõe que deve haver satisfação pessoal exercício de qualquer profissão, também o vocacionado experimenta dessa mesma satisfação pessoal, a sensação de realização do seu propósito de vida. Ninguém pode abraçar o ministério sentindo-se obrigado, constrangido ou que é um fardo extremamente penoso e pesado.

Muito embora aquele que é vocacionado necessite ser conscientizado da severidade da vida ministerial, de suas inúmeras lutas e dissabores para que não entre no ministério com uma visão romantizada e venha a desfalecer. Por outro lado, ele deve ser encorajado a buscar e experimentar essa sensação de satisfação e contentamento ao exercer o ministério que lhe é confiado, seja na administração dos sacramentos, em um sermão ou na solução de algum tipo de conflito em que atue como mediador. Se por um lado os dons aparelham o vocacionado, o uso desses dons e o êxito experimentado através da ação do Espírito Santo vão fortalecendo o sentimento de vocação e o desejo de abraçar o ministério, por amor a Deus e ao seu Reino, como disse Calvino, é “um desejo piedoso que os homens consagrados possuem, ou seja, aplicar seu conhecimento da doutrina para a edificação da Igreja”. (CALVINO, 2009A, p. 79).

Essa convicção interna difere em muito de qualquer tipo de sentimento de arrogância ou de pretensa superioridade, antes é marcada por uma postura de humildade, dependência da ação do Espírito em sua vida e consciência de que está sendo guiado para uma tarefa específica, logo suas habilidades são limitadas para o desempenho da missão que está lhe sendo confiada. Este conhecimento é importante para que não aconteça, conforme Calvino alerta, que “ninguém deve ser tentado por sua própria jactância a levar a cabo nada que não seja compatível com o seu chamamento, porque tem que saber que é incorreto ultrapassar os limites impostos por Deus” (CALVINO, 2001, p. 76). Embora aquele que é vocacionado seja habilitado para as funções mais elementares do ministério, ele também saberá identificar para qual área mais específica o seu ministério irá revelar a sua ênfase.

A convicção pessoal é, em última instância, a forma de o Espírito Santo iluminar aquele a quem tem chamado a sua vocação, capacitando e o levando a experimentar o êxito do serviço divino, mesmo diante de suas limitações. De forma que aquele que se sente vocacionado se apresenta voluntariamente e desejoso de servir a Deus no ministério pastoral.

Calvino muito bem destaca esse elemento da vontade de servir ao dizer que os que são vocacionados “devem fazer de um espontâneo oferecimento a Deus, de si próprios e de seu trabalho, mesmo antes de serem eles admitidos a algum ofício eclesiástico [...]” (CALVINO, 2009A, p. 79). Aquele que aspira o ministério demonstra prazer em servir ao corpo de Cristo, antes mesmo de ser aceito e declarado como ministro do evangelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora, como já afirmado no início, de fato seja algo extremamente subjetivo os motivos que levam alguém a desejar o ministério pastoral e que não há possibilidade de uma resposta, sincera, padronizada para que seja considerada certa em todas as ocasiões, temos sim como observar as ações do Espírito Santo no processo de despertar a vocação de alguém.

É importante ter essa ação em mente pois é o Espírito que convoca, molda o caminho e move a vontade do vocacionado por ele. Nenhuma vocação nasce da simples inclinação humana, muito menos a vocação ministerial. Assim, como nas Escrituras, o Espírito continua a chamar aqueles a quem escolheu para servirem no ministério de forma particular e única. Esse aspecto precisa estar claro na mente dos conciliares ao

examinarem os que se apresentam, como também na dos que se sentem vocacionados. Essa consciência ajudará a fugir das fórmulas prontas e a olhar para a ação pessoal do Espírito.

O vocacionado recebe dons para exercer a sua missão, dons que precisam ser desenvolvidos e por isso ele precisa se apresentar para servir. A utilização destes dons fortalece a mente e o coração do vocacionado, o levando a perceber que o Espírito não só o chama, mas também o capacita de forma a deixá-lo à altura do desafio que lhe está sendo proposto. Os dons também sinalizam para a igreja a ação do Espírito e o despertar de uma vocação, por isso todos os que se sentem vocacionados necessariamente precisam se apresentar e servirem na igreja sob a supervisão dos pastores e presbíteros.

Finalmente, o vocacionado precisa experimentar a satisfação de ver o que o Espírito está fazendo através de sua vida. Essa satisfação pessoal não pode ser confundida com arrogância ou vaidade, mas de reconhecimento de estar cumprindo o seu propósito na dependência e através da ação do Espírito. O que provoca naquele que é vocacionado a convicção interna que o leva a desejar, ardentemente, servir a Deus e ao seu Reino através do ministério pastoral.

Embora seja uma questão desafiadora, julgar e apresentar os motivos que levam alguém a desejar o ministério, os aspirantes ao sagrado ministério devem buscar perceber a ação do Espírito Santo, que lhes tem despertado e capacitado para cumprirem a missão a que são chamados. Na dependência tão somente do Espírito e no reconhecimento de que são por ele chamados, poderão com toda clareza mostrar que a vontade de ser ministro brota de já vivenciarem no estágio embrionário aquilo que o Espírito Santo os mostra como futuro de suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. Tradução de Odayr Olivetti. 4ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CALVINO, João. A verdadeira vida cristã. Tradução de Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2001.

_____. As Institutas: edição especial com notas para estudo e pesquisa.

Tradução de Odayr Olivetti. 1ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, v. 4, 2006.

- _____. As Institutas: edição especial com notas para estudo e pesquisa. Tradução de Odayr Olivetti. 1ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, v. 1, 2006.
- _____. Pastorais. Tradução de Valter Graciano Martins. 1ª. ed. São José dos Campos: Ediora Fiel, 2009A.
- _____. A Instituição da religião cristã. Tradução de Omayr J. de Moraes e Elaine C. Satorelli. São Paulo: UNESP, v. Tomo II, Livros III e IV, 2009B.
- CÉSAR, Kléos M. L. Vocação: perspectivas bíblicas e teológicas. Viçosa: Ultimato, 1997.
- FERGUSON, Sinclair B. O Espírito Santo. Tradução de Valter Graciano Martins. 2ª. ed. Recife: Puritanos, 2014.
- HODGE, Charles. Teologia Sistemática. Tradução de Valter Martins. São Paulo: Hagnos, 2001.
- KUYPER, Abraham. A obra do Espírito Santo. Tradução de Neuza Batista da Silva. 1ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.